



## TEORIA E TÉCNICA: A LINGUAGEM AUDIOVISUAL EM VÍDEOS EDUCATIVOS DA UNIVESP TV<sup>1</sup>

Urbano Lemos Jr<sup>2</sup>  
Fundação Instituto de Ensino para Osasco, FIEO, Osasco, SP

### RESUMO

O artigo trata da utilização da linguagem audiovisual em vídeos educativos da Universidade Virtual do Estado de São Paulo (Univesp TV). O ponto de partida é analisar como a linguagem audiovisual pode contribuir na elaboração de um vídeo com finalidade educativa, culminando com a comunhão entre a teoria e a técnica. O objetivo é compreender quais são as possibilidades no uso de recursos audiovisuais na educação a distância. Como hipótese coloca-se a possibilidade de verificar se esses vídeos possibilitam a religação dos saberes humanos quando utilizam o recurso audiovisual. A fundamentação teórica se baseia nas ideias do pensador Edgar Morin, com o intuito de analisar se nesses vídeos há a preocupação com a articulação dos conhecimentos.

**PALAVRAS-CHAVE:** audiovisual; univesp TV; vídeos; educativos; complexidade

### INTRODUÇÃO

Construir pontes entre os saberes requer a aceitação de novas possibilidades comunicativas e educativas. A Educação a Distância (EAD) é parte de uma cultura que vem se processando ao longo dos anos. Uma cultura visual, uma cultura imagética, enfim, uma educação audiovisual. “O ver está, na maior parte das vezes, apoiando o falar, o narrar, o contar histórias”, lembra Moran (1995, p.28).

No esteio desse artigo podemos apontar que a educação contemporânea dispõe de pontes em diferentes ambientes. Com as revoluções tecnológicas ao longo dos anos, a Educação a Distância passou a contar com novos instrumentos técnicos e metodológicos. Um dos fatores que contribuíram com essa inter-relação é a possibilidade de utilizar os recursos da comunicação na educação. E é justamente a ideia desse artigo: aproximar as relações da comunicação audiovisual com a educação na atualidade, a fim de saber o que a educação pode colaborar em termos comunicativos e como a comunicação pode contribuir com a educação.

---

<sup>1</sup>. Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 03 a 05 de julho de 2013.

<sup>2</sup>. Jornalista com pós-graduação em Teorias e Práticas da Comunicação pela Faculdade Cásper Libero (2012) e Mestre em Educação pela Universidade Nove de Julho (2013). Professor de Telejornalismo na UNIFIEO, e-mail: [urbanolemos@estadao.com.br](mailto:urbanolemos@estadao.com.br)



Quando bem empregados, os recursos audiovisuais em vídeos educativos são de grande importância. Além de serem dinâmicos, possibilitam a multiplicidade dos conhecimentos, permitindo a articulação entre professor, aluno e conteúdo.

A linguagem do vídeo está munida de três recursos básicos e essenciais, articulando texto, som e imagem. Outra característica é que o conteúdo do material apresentado não é apenas transmissível, pois provoca a reflexão e a contextualização com diferentes áreas do conhecimento.

Deste modo, o artigo aponta as possibilidades audiovisuais em vídeos e outras modalidades visuais educativas. Para tanto, o objeto de estudo encontra-se na linguagem audiovisual em três vídeos do curso de especialização em Ética Valores e Saúde na Escola, oferecidos pela Universidade de São Paulo (USP) com produção da Universidade Virtual do Estado de São Paulo (Univesp TV).

A pesquisa compreende a análise dos vídeos: *Interdisciplinaridade e Transversalidade* que aborda a integração das disciplinas escolares para que um tema específico possa ser estudado em diversas áreas do conhecimento. *Cidade Educadora: Para entender a Estação da Luz*, que aborda o que se pode aprender em um patrimônio histórico. E o último vídeo analisado *A criança que não aprende*, no qual a Univesp TV visita escolas municipais de São Paulo e registra em imagens algumas aulas e, em entrevistas com professores e coordenadores pedagógicos, opiniões acerca do tema.

### **Educar pelas ondas radiofônicas**

Para dar início à análise sobre a linguagem audiovisual em vídeos educativos, deve-se, primeiramente, recorrer ao surgimento da Educação a Distância (EAD) no Brasil. A referência remonta um período histórico e determinante para elucidar práticas, limites e possibilidades dessa modalidade de ensino.

O aparecimento da Educação a Distância em solo brasileiro ocorreu gradativamente e mostrava a preocupação com a educação desde o começo do século XX. De acordo com Alves (1993), são poucos registros oficiais e “precisos acerca da criação da EAD no Brasil”, mas tem-se como referência a veiculação de um anúncio na primeira seção de classificados do Jornal do Brasil, em 1891, com um curso profissionalizante por correspondência para datilógrafo, “o que faz com que se afirme que já se buscavam alternativas para a melhoria da educação brasileira, e coloca dúvidas sobre o verdadeiro momento inicial da EAD.” (p.2).



Destarte, a primeira preocupação com a Educação a Distância em sua totalidade apontava justamente para a necessidade da convergência entre áreas e recursos tecnológicos. A apropriação ficou presente em meios de comunicação, como o rádio, o cinema, mais tarde, a televisão e, em seguida, a internet.

Vale destacar que o primeiro registro foi no rádio acompanhado pelas dificuldades técnicas da época. Ainda na inauguração do rádio, em 1922, foi instituído pelo então presidente Arthur Bernardes, as finalidades educativas da radiodifusão. Esse conceito foi identificado no discurso de Roquette-Pinto e transcrito no texto de Ruy Castro.

O rádio é a escola dos que não têm escola. É o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir a escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças, o consolador dos enfermos e o guia dos sãos - desde que o realizem com espírito altruísta e elevado (CASTRO, 2002).

Mais do que um marco na história da comunicação brasileira, Edgard Roquette-Pinto pensou em como convergir educação e as novas tecnologias da comunicação e da informação. Durante seus treze anos de existência, a emissora manteve uma programação eminentemente cultural, demonstrando que cultura também educa.

Buscando em Pimentel (2009) um referencial para entender essa difusão de programas educativos pelo rádio, pode-se afirmar que o objetivo principal desse modelo de formação era inserir o homem dentro da sua própria sociedade, possibilitando seu desenvolvimento “individual e coletivo”.

Outro indicativo da preocupação com a educação na comunicação pode ser encontrado na experiência cinematográfica brasileira da década de 20. De acordo com Morettin (1995), o cinema educativo foi apoiado por diversos intelectuais, entre eles Roquette-Pinto<sup>3</sup>.

O cinema educativo, entendido como um importante auxiliar do professor no ensino e um poderoso instrumento de atuação sobre o social, foi debatido e defendido por muitos pedagogos e intelectuais paulistas e cariocas nos anos 20 e 30, [...] que também estavam preocupados com a introdução dos princípios da chamada Escola Nova nos currículos (MORETTIN, 1995, p.13).

Mesmo com tantos esforços, em 1936, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro transformou-se em Rádio Ministério da Educação e Cultura (MEC), com prefixo PRA-

---

<sup>3</sup>. A pesquisa constatou que existe outra grafia para o nome do fundador da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, como no artigo de Morettin (1995), em que o nome está como *Roquete Pinto*. No entanto, optou-se pela grafia *Roquette-Pinto* por essa ser encontrada na maior parte dos livros e periódicos acadêmicos consultados.



2, protagonizando assim, um dos mais emblemáticos capítulos da história do rádio educativo brasileiro.

Assim, fica evidenciado o surgimento da Educação a Distância brasileira por meio do rádio e sua transposição para a televisão, que, a partir de 1951, se tornou o principal veículo de comunicação social do país. Surgem então a teleducação, canais educativos e cursos voltados para formação e preparação dos telespectadores.

### **A preocupação com uma televisão educativa**

Se o rádio brasileiro surgiu com finalidades educativas, a televisão por outro lado, teve que se consolidar como meio de comunicação para, posteriormente, voltar-se à educação. A preocupação com a educação levou cerca de dez anos desde a inauguração da televisão brasileira.

Passinho (2008, p.28) lembra que “as primeiras experiências com o sistema de televisão educativa baseavam-se em produções autodidatas, com improvisos e criatividade, ocorrendo entre as décadas de 1960 e 1970”.

Até então, esses programas eram iniciativas sem “ordenamento legal”, enfatiza Milanez (2007). Somente em 1961, que se efetivou uma legislação adequada à educação, sendo instituída a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, “e, em 1962, o Código Brasileiro de Telecomunicações.” (p.33).

A primeira tentativa de criação de uma emissora destinada à educação se deu em 1961, através de um “curso de alfabetização de adultos, veiculados pela TV Rio” e desenvolvido pela Fundação João Batista do Amaral, conforme lembra Milanez (2007, p.34).

Impulsionado pelo rádio, outros experimentos televisivos começaram a se proliferar no Brasil. “Entre essas iniciativas estavam a TV Escolar, em São Paulo, a Fundação João Batista do Amaral e a Universidade de Cultura Popular no Rio de Janeiro” (MILANEZ, 2007, p.32).

Segundo Niskier (1999), a preocupação aumentou a partir da filiação do Brasil em 1965 à Organização dos Estados Americanos (OEA), “cujos objetivos voltaram-se especificamente para os problemas da América Latina, entre eles o da educação e transformação social”. (p.163).



Essa medida foi o primeiro passo para a criação de emissoras brasileiras de televisão dedicadas à educação. Mas, foi apenas em 1967, que surgiu a primeira TV educativa brasileira na Universidade Federal do Pernambuco.

Foram iniciativas que se baseavam em produções autodidatas, desenvolvidas na base do improviso e criatividade. Assim, como o rádio, os empreendedores da televisão anteviam os novos horizontes que se abriam para levar a educação aos pontos mais distantes (MILANEZ, 2007, p.31).

No mesmo ano, o Grupo Diários Associados, de Assis Chateaubriand, vende a TV2 Cultura e a Rádio Cultura AM para o Governo do Estado de São Paulo. Deste modo, nasce em 1967, a TV Cultura de São Paulo a partir da Fundação Padre Anchieta - Centro Paulista de Rádio e Televisão Educativas.

A emissora é criada destinada à promoção da educação e da cultura pelo rádio e televisão. Durante dois anos, uma equipe trabalha para implantar a nova rádio e a emissora de televisão. No ano de 1969 a TV Cultura começa suas operações com transmissões de quatro horas diárias, um dos programas dessa época é o Curso de Madureza Ginasial.

E em 1972, é criado o Programa Nacional de Teleducação (Prontel), pelo Decreto nº. 70.185. De acordo com Niskier (1999), a finalidade do programa estava em “integrar, em âmbito nacional, as atividades didáticas e educativas, através do rádio, da televisão e de outros meios de forma articulada com a Política Nacional de Educação” (p.165). Já em 1975 surge a TV Educativa (TVE) e mais oito (8) emissoras com finalidades exclusivamente educativas.

[...] como a implantação das TVs públicas se deu sem obedecer a um planejamento que decorre de uma política setorial de governo, entre 1967 e 1974 surgem nove emissoras educativas, cujas origens e vinculação eram as mais diversas (BARBOSA, 2008, p.50).

A TVE era mantida pela Fundação Roquette-Pinto. Depois de quase quarenta anos a Fundação deu lugar à Empresa Brasil de Comunicação (TV Brasil), criada pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva com a Medida Provisória 398, depois convertida em Lei, de número 11 652/2008.



## **O sucesso do Telecurso**

O que começou com um projeto em janeiro de 1978, pela Fundação Roberto Marinho (FRM) por meio de um convênio com a Fundação Padre Anchieta (FPA), mantenedora da TV Cultura de São Paulo, tornou-se um programa “pioneiro”. Segundo Niskier (1999), “nunca se havia pensando antes em usar a máquina de uma rede comercial para um projeto educativo” (p.307).

O primeiro passo foi a criação do Telecurso 2º grau, que tinha como finalidade “uma sistematização de ensino, destinada à clientela que, maior de 21 anos e não tendo seguido ensino regular de 2º grau, deseja preparar-se para os correspondentes exames supletivos oficiais” (FRM, S/D, apud MOREIRA, 2006, p.27).

O Telecurso 2º grau além de ser pioneiro, corroborou com a consolidação dos meios de comunicação na Educação a Distância, haja vista, que o conteúdo também era “transmitido pelo rádio”, conforme enfatiza Moreira (2006).

Seguindo o sucesso e as experiências do primeiro Telecurso, foi lançando em 1981, o Telecurso 1º grau. O programa “contou com o apoio do MEC e da Universidade de Brasília” (NISKIER, 1999, p.309). Houve uma evolução, no sentido de oferecer um estímulo à pesquisa, à leitura e ao debate, abandonando-se a idéia de que a simples audiência das teleaulas seria de todo suficiente. (NISKIER, 1999, p.309).

A teleducação consolidou-se das telas da tevê para sua relevância educativa. Esta terceira fase, iniciada em 1993, fica conhecida como Telecurso 2000 tinha co-parceria o Sistema da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP).

Segundo Moreira (2006, p.132), o diferencial do novo projeto buscava integrar as experiências anteriores com “aspectos da reestruturação pedagógica e maior abrangência”. O objetivo principal estava no ensino profissionalizante, tanto para o 1º como para o 2º grau.

O programa uniu esforços a fim de “formar para o mundo do trabalho”, conforme salienta Moreira (2006, p.135). O que diferenciou esse novo Telecurso era a preocupação com a “formação das telessalas, sinalizando uma reformulação das propostas iniciais [...] que praticamente não delineavam qualquer limite ou possibilidade para o desenvolvimento do autodidatismo que era sugerido em suas propostas”. (IDEM, p.151).



## **A construção da linguagem audiovisual em vídeos educativos**

A linguagem do vídeo educativo age na sensibilidade dos espectadores e é resultado da comunicação entre imagens e áudios, distanciando-se da linearidade e da rotina de estudos. Moran (1995) aponta que os vídeos são dinâmicos e representam uma possibilidade pedagógica:

O vídeo é sensorial, visual, linguagem falada, linguagem musical e escrita. Linguagens que interagem superpostas, interligadas, somadas, não separadas. Daí a sua força. Nos atingem por todos os sentidos e de todas as maneiras. O vídeo nos seduz, informa, entretém, projeta em outras realidades (no imaginário), em outros tempos e espaços (MORAN, 1995, p.2).

A imagem televisiva tem o seu papel agregado a produções, composições estruturais, tecnologias envolvidas e critérios de seleção daquilo que pode virar notícia, neste caso, conteúdos educativos. Os profissionais envolvidos delineiam e caracterizam alguns padrões em todo esse processo técnico.

Deste modo, a discussão analisa se esses vídeos possibilitam a religação dos saberes humanos quando utilizam a linguagem audiovisual. Essa hipótese é reforçada pela observação das últimas décadas, em que se nota uma crescente preocupação com a formação dos indivíduos e encontra-se na comunicação audiovisual um importante elemento pedagógico, “afinal, trabalhar com recursos visuais nas diversas áreas do conhecimento tornou-se uma imposição dos tempos atuais” (GIRÃO, 2005, p.113).

O filósofo francês Edgar Morin aponta a importância de se pensar que o todo está na parte, assim como a parte está presente no todo (princípio hologramático). Esse princípio operador da complexidade contribui para um diálogo entre a teoria, o método e a realidade que estão em movimento contínuo.

Complexo aqui do latim *complexus*, que vem do verbo *complectere*, que simplesmente quer dizer “o que é tecido junto”, lembra Morin (1997, p.44).

Nesse sentido, Morin (2003, p.37) propõe “um pensamento complexo que reata, articula, compreende e que, por sua vez, desenvolve sua própria autocrítica”. Segundo o autor, esse pensamento “nunca é um pensamento completo. Não pode sê-lo, porque é um pensamento articulante e multidimensional” (MORIN, 2003, p.54).

Vale lembrar que essas produções são voltadas para professores. Nesse sentido, a aproximação que mais chama a atenção é que todos os vídeos educativos analisados contribuem para pensar, criar e conhecer, ratificando o que é colocado por Wohlgemuth (2005, p.63), “[...] o conhecimento é gerado inicialmente e se fixa sempre a partir da



prática produtiva (aquilo que ouço, sei; aquilo que vejo, aprendo; aquilo que faço, conheço)”. Wohlgemuth (2005, p.97) enfatiza ainda que:

A capacitação audiovisual tem início no exato nível do conhecimento e da experiência dos usuários, valorizando a informação já existente e trabalhando uma ação analítica e técnica. Dessa forma, propõe alternativas técnicas, sem impor modelos tecnológicos que promovam a dependência cultural ou econômica (WOHLGEMUTH, 2005, p.97).

Sendo assim, o vídeo educativo representa uma abertura inicial para novas possibilidades de ligações e religações do conhecimento.

### **Teoria e Técnica na produção audiovisual educativa da Univesp TV**

Os vídeos analisados são parte da produção da Univesp, programa do Governo do Estado de São Paulo criado pelo Decreto nº. 53.536 de 9 de outubro de 2008. Já a Univesp TV é uma plataforma de apoio ao conteúdo didático dos cursos da Univesp e está em funcionamento desde agosto de 2009.

Os programas da Univesp TV são desenvolvidos pela Fundação Padre Anchieta e TV Cultura em parceria com as universidades estaduais paulistas – Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Universidade de Campinas (UNICAMP) e o Centro Paula Souza, com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo (FAPESP).

Os temas dos vídeos analisados se intercalam entre si. O vídeo *Interdisciplinaridade e Transversalidade* tem como alicerce a teoria para falar da importância de trabalhar a interdisciplinaridade em todos os momentos com os alunos. Para tanto, esse indicativo está presente na frase do professor Nilson José Machado, da Faculdade de Educação da USP, encontrada na abertura do vídeo. De acordo com ele, a leitura do mundo antecede a leitura da palavra.

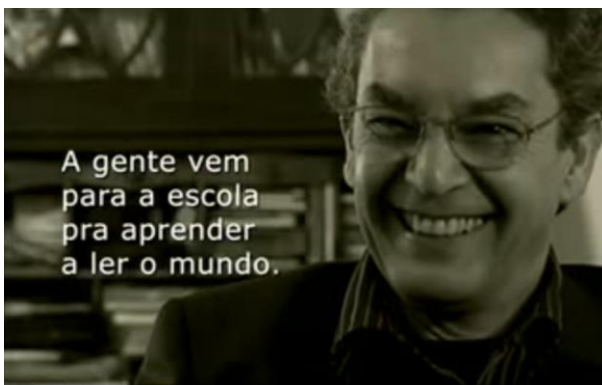


Fig. 1. Abertura do vídeo *Interdisciplinaridade e Transversalidade*





O primeiro recurso utilizado na tessitura desse vídeo são imagens de satélite alternadas com depoimentos de professores e alunos. Essas imagens partem do todo, no caso o planeta Terra, para só então chegar à parte, Ribeirão Anhumas, localizado em Campinas, interior de São Paulo.

Esse holograma (todo e parte) contribui para apresentar o ribeirão e sua importância interdisciplinar. Ainda no começo do vídeo, as imagens se aproximam seguidas pelos depoimentos com o texto escrito para fortalecer o que se está dizendo.

Essa possibilidade audiovisual é destacada na entrevista concedida por Tatiana Bertoni, repórter e produtora da Univesp TV e jornalista responsável pelo vídeo.

[...] Quando a gente optou por mostra e usar a tela do Google chegando de longe até chegar ao rio era mesmo pra localizar. Primeiro a gente teve a ideia de criar um pouco de expectativa, tentar entender que a gente tava falando do rio, que eles vão falando “ele é isso, ele é aquilo”, até chegar realmente no rio. Então tem aquela coisa da linguagem mesmo da televisão de uma maneira geral do programa ser atrativo (BERTONI, 2012).

O convite do vídeo é para ler o mundo. No caso, ler o mundo através de um passeio, uma visita ou uma aula em forma de conversa nas margens do Ribeirão Anhumas. Buscando um referencial para esse diagnóstico, encontra-se em Morin (2000) demonstrações da importância da articulação dos saberes.

A reforma do ensino e a reforma de pensamento constituem um empreendimento histórico: não será, evidentemente, a partir desse primeiro evento que a reforma se efetivará. Trata-se de um trabalho que deve ser empreendido pelo universo docente, o que comporta evidentemente a formação de formadores e a auto-educação dos educadores (MORIN, 2000, p.26).

Neste sentido, a análise da linguagem audiovisual desse vídeo encontra-se na edição e no texto. Um dos componentes introduzidos na edição é a inserção de sons ambientes no decorrer do vídeo. Na linguagem audiovisual esse recurso é usualmente conhecido como *sobe som*.

A ideia da utilização de som ambiente é reproduzir o máximo da realidade, nas falas dos alunos, professores ou evidenciar o som natural das imediações do Ribeirão Anhumas. Mônica Teixeira, coordenadora da Univesp TV, em entrevista concedida, destaca as possibilidades no processo da edição. No entanto, a jornalista aponta a trilha como um limite em produções com finalidades educativas.

[...] eu acho que o que é central não é tanto uma questão de linguagem de televisão, que eu acho que pode ser televisão de todas as formas, com todas as possibilidades de usar a televisão, com edição, com mais ritmo, menos ritmo,



menos edição, mais edição, usar som ambiente, deixar de usar som ambiente, só não pode trilha [...] Mas isso é uma espécie de idiossincrasia minha, não queremos “edulcorar” a realidade aqui e a trilha é um grau de intervenção, de um tratamento ficcional (TEIXEIRA, 2012).

Cabe esclarecer que, além do texto audiovisual, um vídeo educativo requer o auxílio de textos acadêmicos. Em entrevista, Mônica Teixeira esclarece que os vídeos são baseados em problemas e evidencia que “o problema determina o que é possível aprender, porque você vai aprender a partir das questões que o problema coloca”.

Essa proposta é baseada em uma metodologia de ensino conhecida como Aprendizagem Baseada em Problemas (ou PBL, na sigla em inglês). Guimarães (2010), em uma reportagem sobre um congresso realizado na USP e que discutiu a aprendizagem baseada em problemas destaca:

Mais que um método, a PBL consiste em uma concepção diferenciada da relação entre ensino e aprendizagem. Isso significa que o aluno não será mais agente passivo nessa relação. Será agente ativo e tenderá a desenvolver uma situação de autonomia no aprendizado (GUIMARÃES, 2010).

O vídeo *Cidade Educadora: Para entender a Estação da Luz* mostra como lugares públicos encontrados na cidade (equipamentos urbanos) podem contribuir para o desenvolvimento de uma aula. Essa produção traz um exemplo bem sucedido de leitura do para a uma ampliação do compreender, saber e contextualizar.

O conteúdo do vídeo é desenvolvido com a ideia de favorecer e “encorajar o autodidatismo”, já que se trata, inicialmente, de um passeio por uma estação de trens na cidade de São Paulo. Neste sentido, Morin destaca a importância de organizar os conhecimentos, pois o conhecimento “só é conhecimento enquanto organização, relacionado com as informações e inserido no contexto destas. As informações constituem parcelas dispersas de saber” (MORIN, 2011, p.16).

A produção audiovisual é bastante marcante neste vídeo, já que se trata de uma gravação em um local consentido, com entrevistados pré-agendados, com dados informativos importantes e imagens de arquivo que ajudam a contar a história da Estação da Luz.

Já o vídeo *A criança que não aprende* mostra um problema de leitura com uma criança que não consegue ler a palavra e, conseqüentemente, não consegue ler o mundo. O tema apresenta uma realidade cruel evidenciando um constante desafio educacional, garantindo que todos os alunos tenham as mesmas oportunidades no processo de ensino e aprendizagem.



A produção é composta por diversos depoimentos e introduções de som ambiente, possibilidades que ajudam a compor o vídeo. Essas sonoridades servem para contextualizar a proposta do vídeo. A utilização do som ambiente legitima a forma com que os professores utilizam o material didático para uma turma de ensino fundamental.

Como a construção do vídeo é dada por meio de gravações em três escolas municipais de São Paulo e, posteriormente, analisadas por duas professoras convidadas, o som ambiente caracteriza os diálogos, ensinamentos e interações entre professores e alunos.

Para tanto, faz-se necessário pensar o contexto, o global, o multidimensional e o complexo, enfim, unir os saberes, pois “o conhecimento das informações ou dos dados isolados é insuficiente. É preciso situar as informações e os dados em seu contexto para que adquiram sentido” (MORIN, 2000a, p.36).

Nesse momento, tem-se a oportunidade de trabalhar as relações entre o todo e as partes. Talvez daí decorra a dificuldade de aprendizagem das crianças, quando o professor pensa apenas na totalidade presente nas salas de aula e esquece que cada aluno comporta a singularidade das partes.

[...] tanto no ser humano, quanto nos outros seres vivos, existe a presença do todo no interior das partes [...] a sociedade, como um todo, está presente em cada indivíduo, na sua linguagem, em seu saber, em suas obrigações e em suas normas. Dessa forma, assim como cada ponto singular de um holograma contém a totalidade da informação do que representa, cada célula singular, cada indivíduo singular contém de maneira “holográfica” o todo do qual faz parte e que ao mesmo tempo faz parte dele (MORIN, 2000a, p.37-38).

A comunhão entre os tratamentos audiovisuais aos conteúdos educativos possibilita a religação das disciplinas e a autonomia do pensamento contextualizado. Unir as possibilidades técnicas com os limites teóricos do conhecimento, certamente pode gerar saberes infinitos e planetários.

Constata-se ainda a preocupação em pesquisar sobre um determinado assunto (pré-produção) e convidar pessoas especializadas para abordar a temática. Essa metodologia se encontra presente no trabalho da produção de um vídeo e mostra-se como um importante elemento informativo e educativo.

Além disso, existe a possibilidade de deixar o conteúdo dinâmico e mais próximo da realidade dos telespectadores. Para tanto, o destaque é a utilização de planos variados durante o decorrer das gravações dos vídeos. Mas, o que mais chama atenção,

é o emprego do plano de detalhe e do plano sequência, ambos bastante encontrados em documentários.



Fig.2. Plano de detalhe da arquitetura da Estação da Luz

Ainda do ponto de vista da estrutura, observa-se que os vídeos começam com uma pergunta, partem de um problema para tratar a temática, trabalham com depoimentos variados, recorrem a especialistas, contam com um narrador e possibilitam a reflexão do espectador.

### **A reforma do pensamento: a religação dos saberes**

Segundo Morin (2000, p.13), para que se tenha uma reforma do pensamento é necessário reconhecer a necessidade da religação dos saberes. Para tanto, a “transdisciplinaridade só representa uma solução quando se liga a uma reforma do pensamento”, substituindo um pensar separado por “outro que esteja ligado”.

Entretanto, o novo brota sem parar. Não podemos jamais prever como se apresentará, mas deve-se esperar sua chegada, ou seja, esperar o inesperado. E quando o inesperado se manifesta, é preciso ser capaz de rever nossas teorias e idéias, em vez de deixar o fato novo entrar à força na teoria incapaz de recebê-lo (MORIN, 2000, p.30).

O novo e o inesperado aqui são encontrados nas produções e articulações realizadas pela Univesp TV. Os programas podem contribuir com a reforma do pensamento ao defender que se “leve em conta nossa aptidão para organizar o conhecimento”, conforme destaca Morin (2011, p.83).

Ao observar as produções da Univesp constata-se ainda que “uma organização do saber já começou pelo reagrupamento das disciplinas até então dispersas”, conforme assinala Morin (2000, p.15).



Essa reforma de pensamento se refere à necessidade de seguir princípios que levem o pensamento para além de um conhecimento fragmentado. Uma reforma na qual pensamento e conhecimento permitam as interações entre um todo e suas partes, as interligações entre o particular, o cotidiano, o local, a luz da complexidade do universo, capaz de conceber noções ao mesmo tempo complementares e antagônicas, ou seja, com os sentidos inesgotáveis e abertos ao real.

Talvez a mais importante noção a ser aprendida, seja que, no lugar de separar o conhecimento em compartimentos, deve-se pensar como a complexidade pode levar a uma conexão entre esses vários modos de pensar, religar as teorias, nos conhecimentos e na ciência, os laços indissociáveis da teia da vida e a possibilidade de responder as nossas expectativas, necessidades e interrogações cognitivas.

Em muitos momentos, as imagens têm um papel fundamental para a compreensão do conteúdo abordado no vídeo. Mesmo assim, o texto acadêmico fundamenta a produção e respalda a elaboração do texto audiovisual (roteiro). Nota-se ainda que o texto desses vídeos é indicativo e, para maior compreensão, faz-se necessário o acompanhamento do que se mostra. Logo, as imagens podem ser consideradas como as partes da totalidade presentes no processo educativo.

A investigação observou ainda que os vídeos educativos contribuem com o pensar, criar e conhecer. Conforme nos lembra Morin, o conhecimento precisa ser hologramático e contextualizado e a Univesp TV faz isso ao relacionar e contextualizar os saberes.

No entanto, o que mais fica evidenciado é o indicativo da possibilidade de leitura do mundo. Nos três vídeos, nota-se que para ler a palavra é preciso ler primeiro o mundo. No âmbito do ambiente escolar, cabe ao professor proporcionar ferramentas que possibilitem essa ligação entre os saberes.

O artigo mostra que os vídeos educativos devem apresentar elaboração, estruturação e cultivo do detalhe. Além disso, o emprego da linguagem audiovisual em vídeos com finalidades educativas deve contextualizar os saberes a fim de proporcionar infinitas leituras do mundo.

Para professores, pesquisadores e profissionais da área audiovisual o estudo aposta numa possibilidade a mais do vídeo convergindo em prol da educação. Mais que um elemento técnico, a linguagem audiovisual entra em cena como um componente eficaz na religação dos saberes.



Há de se destacar que já se vão 90 anos desde os primeiros esforços na consolidação de uma educação além das salas de aula. A compreensão histórica da Educação a Distância no Brasil (EAD) aponta a importância de operar em sintonia com as inúmeras possibilidades disponíveis, atentando-se às influências e apropriando-se de diferentes recursos. Bem mais que entender como se estabelece a constituição audiovisual deve-se assimilar sua relevância na educação. Uma educação capaz de atuar na vida e no cotidiano das pessoas. Educar pelo rádio, TV, cinema, internet, enfim, educar para prosperar e ler o mundo.

### Vídeos analisados

**A CRIANÇA QUE NÃO APRENDE.** Fábio Eitelberg. São Paulo: Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP TV), 2010. Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=V\\_0noT10qVc&feature=share&list=SP88AA7C625DB4BDD8](http://www.youtube.com/watch?v=V_0noT10qVc&feature=share&list=SP88AA7C625DB4BDD8)>. Acesso em: 15 jan. 2013.

**CIDADE EDUCADORA: PARA ENTENDER A ESTAÇÃO DA LUZ.** Marcelo Gutierrez. São Paulo: Universidade Virtual do Estado de São Paulo (Univesp TV), 2011. Disponível em: <<http://youtu.be/nHbFkwejPPE>>. Acesso em: 15 jan.2013.

**INTERDISCIPLINARIDADE E TRANSVERSALIDADE.** Tatiana Bertoni, São Paulo: Universidade Virtual do Estado de São Paulo (Univesp TV), 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=cNpTwye78Vk&feature=share&list=SP88AA7C625DB4BDD8>>. Acesso em 15 jan.2013.

### REFERÊNCIAS

ALVES, João Roberto Moreira. Educação a Distância e as novas tecnologias de informação e aprendizagem. In: **Revista Brasileira de Educação a Distância**. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Avançadas em Educação, n. 1, 1993. Disponível em: <[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/EAD/EDUCADIST.PDF](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EAD/EDUCADIST.PDF)>. Acesso em 15 set. 2011.

BARBOSA, Bia. **TV Brasil: o faz-de-conta da emissora pública.** Revista Adusp. São Paulo: n. 42, jan.2008, p. 49-54.

CASTRO, Ruy. **Roquette-Pinto: O Homem Multidão.** Disponível em: <[http://radiomec.com.br/70anos/70anos\\_rq Pinto.asp](http://radiomec.com.br/70anos/70anos_rq Pinto.asp)>. 1996. Acesso em: 29 abr.2012.

GIRÃO, Lígia Cirino. Processos de produção de vídeos educativos. In: ALMEIDA de, Maria Elizabeth Bianconcini; MORAN, José Manuel (org.). **Integração das Tecnologias na Educação: Salto para o futuro.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 2005. p.112-116.

GUIMARÃES, Érica. Congresso na USP discute aprendizagem baseada em problemas. **Com Ciência: Revista Eletrônica de Jornalismo Científico.** Campinas. Reportagem publicada em fev.



2012. Disponível em <http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=3&noticia=609>. Acesso em 22 dez.2012.

MORAN, José Manuel. O vídeo na Sala de Aula. In: **Revista Comunicação & Educação**. São Paulo: jan/abril 1995, p.27-35. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/vidsal.htm>>. Acesso em: 17 maio 2012.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

\_\_\_\_\_. **Complexidade e Transdisciplinaridade**: a reforma da universidade e do ensino fundamental. Natal: EDUFRN, 2000.

\_\_\_\_\_. **Educar na era planetária**: O pensamento complexo como Método de aprendizagem no erro e na incerteza humana. São Paulo: Cortez, 2003.

\_\_\_\_\_. **Meus demônios**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

MILANEZ, Liana. **TVE**: cenas de uma história. Rio de Janeiro: ACERP, 2007.

MOREIRA, João Flávio de Castro. **Os Telecursos da Rede Globo**: A mídia televisiva no Sistema de Educação a Distância (1978-1998). Dissertação mestrado em História. Brasília, Universidade de Brasília (UnB), 2006.

MORETTIN, Eduardo Victorio. Cinema educativo: uma abordagem histórica. **Comunicação & Educação**, Brasil, v.2, n.4, 2008. Disponível em: <<http://revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/4266/3997>>. Acesso em: 01 fev.2012.

NISKIER, Arnaldo. **Educação a distância**: a tecnologia da esperança; políticas e estratégias a implantação de um sistema nacional de educação aberta e a distância. São Paulo: Loyola, 1999.

PASSINHO, Sandra Regina de Oliveira Marques. **Educação “fora do ar”**. Uma análise da TVE Maranhense nas reminiscências dos seus participantes. Dissertação mestrado em Educação, Universidade Estácio de Sá. Rio de Janeiro: 2008.

PIMENTEL, Fábio Prado. **O Rádio Educativo no Brasil**: uma visão histórica. Rio de Janeiro: Soarmec Editora, 2009.

WOHLGEMUTH, Julio. **Vídeo Educativo**: Uma Pedagogia Alternativa. Brasília: Editora SENAC – DF, 2005.